



## OS DEVIRES DE UM VAGABUNDO: UM PASSEIO POR RUAS, BECOS E VIELAS DA ALMA *FLÂNEUR*

Fábio Fernandes<sup>1</sup>

**Resumo:** Figura errante e misteriosa, o *flâneur* despontou na obra de Charles Baudelaire, poeta francês angustiado com a eclosão de uma era em que Revolução Industrial, urbanidade e desenvolvimento tecnológico provocaram desajustes e desordem nas cidades e seus habitantes: ele tinha ânsia de experimentar esse espetáculo urbano, a multidão, o caos das metrópoles. Metáfora das singularidades, experimentação e multiplicidades, o *flâneur* é uma força transformadora, questiona paradigmas e tem o poder de criar novas ordens, parâmetros e devires. Para além das normas que limitam existências, ele passeia pelas bordas e margens da sociedade e de sua(s) identidade(s), maleáveis, cambiantes e nunca cristalizadas, se encontra no dinamismo e na mudança e é uma via para repensar sexualidades dissidentes e identidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** Identidade fragmentária, *Flâneur*, Cidade pós-moderna, Narrativas.

Para o perfeito *Flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente.

Charles Baudelaire, “O Pintor da Vida Moderna”

Vagabundo. Desocupado. Desviado. Hedonista. Perverso. Incompreendido. Boêmio. *Flâneur*. Eu vivi o caos das grandes cidades, a apatia, homogeneidade e a “despersonalização” de uma sociedade em que as novas vivências coletivas “apagavam” individualidades, singularidades. Da pena de Charles Baudelaire, eclodia a angústia de um homem que vislumbrava um mundo pós-Revolução Industrial (final do século XIX): o poeta aventurou-se no resgate de objetos e pessoas perdidas na multidão caótica das metrópoles que emergiam desenfreadamente.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA e pesquisador do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS). binhofernandes@yahoo.com.br

Desordem, trabalho opressor e miséria eram os sintomas que pulsavam como rasgos da urbanidade e desenvolvimento tecnológico partes de um processo imensurável, evidente e inevitável. Os sujeitos foram embotados, transformados em objetos, mecanismos repetitivos, enfadonhos, em suma, “assujeitados”. A decepção diante de tal cenário e a “maquinização” da experiência humana inquietavam Baudelaire: o poeta mergulhou em universos que possibilitassem fugas. Criar, recriar, destruir... para permitir a gênese de micromundos, existências singulares. Para uma alma de contradições, repleta de dor e sofrimento diante de uma vida urbana e opressora, à boemia ele convida: “Embriaguem-se”:

Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso.

Mas de quê? De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua. Mas embriaguem-se. [...] “É hora de embriagar-se! Para não serem os escravos martirizados do Tempo, embriaguem-se! Sem cessar, embriaguem-se! De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua”. (BAUDELAIRE, 2009, p. 176-7.)

Em Baudelaire, exagero, artifício e ostentação também marcam sua outra faceta, a de dândi: aristocrata pertencente a uma sociedade decadente, amante do luxo e da elegância, frequentador dos altos círculos, apaixonado pela arte e que parece se opor ao mundo “sujo” da boemia. Marcos Menezes (2009, p. 11) afirma que

boemia e dandismo são faces de uma mesma moeda; são o artificial, o antinatural – a contemplar o mundo natural. São máscaras que Baudelaire usava, e muito bem, para circular em meio à sociedade que ele detestava. O boêmio e o dândi eram personagens que permitiam a Baudelaire viver novas experiências – imediatamente incorporadas à sua poesia.

Da simbiose disforme dessas duas máscaras, surge o *flâneur*, artista/persona que imiscui-se na multidão sem propósito nem direção definida: rende-se passivamente ao fluxo aleatório das paisagens urbanas, mergulha em um emaranhado de becos, ruas e vielas e vê o mundo sob um caleidoscópio. A partir desses multiângulos, dessas várias faces, mutantes, inconstantes, é que constato a falácia de uma suposta realidade, ou do “mundo natural” referido anteriormente. Eu mergulho na multidão para ser a própria multidão: as muitas máscaras que fazem de mim *flâneur* denunciam essa suposta naturalidade, efetivamente produzida pela performatividade, como afirma Judith Butler (2002, p.55 e 56):

los actos performativos son modalidades de discurso autoritario: la mayoría de ellos, por ejemplo, son afirmaciones que, al enunciarse, también encarnan una acción y ejercen un poder vinculante. Al estar involucrados en una red de autorizaciones y

castigos, los actos performativos suelen incluir sentencias legales, bautismos, inauguraciones, declaraciones de propiedad y afirmaciones que no sólo llevan a cabo una acción, sino que también otorgan un poder vinculante.

Baudelaire e o *flâneur* amam a mentira da “maquiagem”, a invenção da beleza de si mesmo: o fingimento poético é nele a exaltação do exterior e da possibilidade de reinvenção e rompimento de normas e paradigmas, em função de uma alteridade plural (SISCAR, 2008). Zygmunt Bauman (2005, p. 82) afirma que “Baudelaire via a missão do artista como sendo a de retirar a semente imortal do invólucro fugaz do momento”. Essa referida beleza, esse instante mágico é o reflexo da iminência de um abismo, fruto da consciência de um novo tempo, em que a solidão é vivenciada na multidão e há sempre um perigo à espreita em cada esquina: uma “vida urbana caracterizada pela colisão de sensações fragmentárias e descontínuas, a mecanização da existência” (MENEZES, 2009, p.13 e 14). Há então uma arte que não apenas se aproxima com a noção de abjeto, mas o experencia em almas, corpos, vísceras, excrementos e excreções, anunciando uma estética singular, disforme e bela. Essa arte se encontra com a cidade, que pulsa como um corpo em plena ebulição, cheia de sinuosidades, erotismo e encontros, um convite ao desnudar de curvas e linhas que levam a muitos caminhos: prazer e dor, perigo e conforto, luxo e miséria. Êxtase.

Aqui proponho a todos os meus leitores uma reflexão, um mergulho em alguns dos meus universos particulares, nunca redutivos ou acabados; pequenas ideias em fragmentos, pequenas partes de mim, de si, do outro ou qualquer coisa de intermédio.

### **Solitário na multidão ou em povoada solidão**

Varávamos os distantes caminhos, os mais estreitos e tentadores, chegávamos às fronteiras da resistência do homem, ao fundo de seu segredo, iluminando-o com as trevas da noite, enxergávamos seu chão e suas raízes. O manto da noite cobria toda a miséria e toda a grandeza e as confundia numa só humanidade, numa única esperança.

Jorge Amado, “Os Pastores da Noite”

Sair de casa, sair de si: o *flâneur*, ao fazer a travessia para o espaço público, incorre no risco do confronto com o inesperado, pois a articulação urbana das grandes cidades funciona com uma cadência e uma sedução corporal atraente e imprevisível. Ir para a rua se apresenta como a passagem do público ao privado, um deslizar dinâmico que ocorre com um teor erótico – essa experiência urbana é um contínuo entre ser e estar solitário na multidão e também saber preencher de seres e vivências “tangíveis” a experiência da solidão. Percebo, com o olhar filtrado pela sensibilidade ética da

poesia, que não há uma oposição radical entre os referidos campos do privado e do público, ambos participam desse jogo fluido entre pertencer/ser/estar em diversos espaços. O trânsito inerente a esse caminhar é inquieto, incerto e perigoso, o que torna o *flâneur* distinto do simples pedestre. Walter Benjamin (1989, p.190) aborda uma dialética da *flânerie*, em que esse homem sente-se observado por tudo e todos, como o suspeito de um crime desconhecido, mas ao mesmo tempo dissimulado nas trevas, insondável, o escondido.

João do Rio (2008), em sua obra “A Alma Encantadora das Ruas” – livro de crônicas e reportagens, publicado no começo do século XX – lançava um sensível olhar a uma cidade do Rio de Janeiro que fervia sob a fascinação da urbanidade e das luzes multifacetadas de um nova Era Brasilis. Através dos olhos de um observador deslumbrado, ele se tornara personagem e narrador das transformações sociais da época; atento às relações e seres que coabitavam em becos, esquinas, bares, ele via a cidade crescer vertiginosamente, descontroladamente; e é justamente esse “caos” e “desordem” que fascina João do Rio, narrador e igualmente um *flâneur*, cujas qualidades ele mesmo conceitua na primeira crônica, “A rua”:

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população [...], é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas.

Flanar é então ser livre o suficiente para seguir caminhos e rotas não determinadas por regras rígidas, mas sim pelo prazer da liberdade e da descoberta: não somente de espaços novos, mas principalmente de sensações, prazeres e vivências. O *flâneur* seria então, assim como o *vagabundo* – extraído do verbete homônimo do Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas (BERND, 2007, p. 655 a 661) – ,

a personificação de uma força transformadora. Ao mesmo tempo em que põe em questionamento diversos paradigmas que apenas ele, na condição de alheamento a quase tudo ao seu redor, pode proporcionar, também tem o poder de erigir novos parâmetros, de funcionar como agente criador de novas ordens.

É então vagabundagem? Muito provavelmente. Como afirma João do Rio, flanar é se distinguir vagando, errando criativa e artisticamente. O desocupado *flâneur* está sempre com os pensamentos indo e vindo em fluxos, mas isso não o preocupa: só aumenta suas possibilidades de experienciar pela cidade novos ritmos e sensações. Sair

de si? Sair de casa? Mas o que e quem ele procura encontrar... precisaria ele provar algo com isso? (MONGIN, 2009, p.68)

O *flâneur* vive então a por e retirar máscaras para transitar entre a turba e a intimidade, máscaras que possuem a função de se fazer reconhecer e com o poder de não ser reconhecido (MONGIN, 2009, p.68): denota-se, desse modo, que o espaço público é como um teatro, seus personagens vivem a dissimular, a intercambiar entre inúmeras aparências, interpretando papéis infinitamente, a depender de espaço, tempo, contexto e desígnios.

Hesitando entre a máscara do medo, a da circulação burguesa e consumista e também a de uma utopia revolucionária, através da ideia de se unir em grupos para reescrever a História, o *flâneur* ora se coloca como um excluído e mergulha no mundo soturno da boemia, ora assume, quando necessário, a faceta de dândi, esteta do ócio e da inutilidade criativa. Quase sempre egoísta, talvez com exceção de sua aparência de espírito revolucionário, em que assume provisoriamente um caráter solidário, ele transita entre um aburguesamento e a fascinação inquieta por uma multidão criminosa (MONGIN, 2009, p.75).

Solitário e ao mesmo tempo amedrontado e fascinado pelo risco que é entrar em becos, virar cada esquina e atravessar vielas, a cidade atrai o *flâneur* eroticamente: é necessária para ele; esse indivíduo o faz com uma ardente paixão e entrega ao *spleen*, o estado de tristeza pensativa, melancolia extrema. Nesse jogo de equilíbrio entre povoar solidões e desaparecer nas multidões, há também a necessidade de preservar sua individualidade para não cair no abismo da perda total de referências, mesmo que essas sejam inconstantes, maleáveis, fluidas.

Nesse mosaico de singularidades, as identidades contemporâneas, por conseguinte, não são descobertas ou reveladas, mas sim inventadas diante de um intenso esforço e de objetivos os quais se devem lutar e proteger – mesmo que inconscientemente. Nesse processo, o caráter inconcluso e fluido das identidades é ocultado e suprimido pela ideia delas estarem “naturalmente” incutidas na experiência humana, como “a realidade”; tal assertiva é, precisamente, uma ficção impelida e surgida da necessidade e de uma *crise do pertencimento*: pertencer a uma nação, a um determinado grupo, fazer parte do mundo (BAUMAN, 2005, p.22 e 26).

## **Cidade-corpo: espaço finito, experiências infinitas**

Entre o corpo da cidade e os corpos que a percorrem, a cidade é uma folha, jamais totalmente branca, sobre a qual corpos contam histórias.

Olivier Mongin, “A condição urbana: a cidade na era da globalização”

A dimensão pública da experiência urbana é o retrato de uma era gestada e também criadora de uma “pós-cidade”, um mundo globalizado que divide e fragmenta muito mais do que une e propõe e relações. Ao invés de uma cidade integradora e que promove solidariedades, vê-se intensas velocidades, luzes fugazes e desfocadas que separam grupos e comunidades, distanciando-os uns dos outros. Essa cidade é também um labirinto, que o leva a vias imprevisíveis, indo do prazer ao risco do crime. A liberdade urbana permitida aos que ousam adentrar nesse labirinto possibilita mover-se anonimamente, em ritmos singulares, numa aparentemente impossível conciliação entre concordância e discordância, discórdia e consenso (MONGIN, 2009, p.77).

Perceber essa cidade perpassa visualiza-la como um corpo repleto de membros espalhados e fragmentos diversos em busca de forma. Nesse movimento, a cidade é vista como um corpo em que diversos corpos transitam sobre ela realizando trajetórias infinitas... sua configuração é marcada pela descontinuidade e ruptura de ritmos inerentes ao percurso desses corpos que se aventuram nela. Segundo Mongin (2009, p.49),

a cidade não se abre para o infinito, ela não desemboca numa linha de horizonte, numa paisagem desdobrando-se ao infinito, ela é um espaço finito que torna possível uma experiência infinita, a começar por aquela da caminhada que gera a imaginação e a invenção.

A cidade, então, se expande das ruas, becos e prédios e invade o homem, que vive na contemporaneidade uma sensibilidade condicionada pelo choque, pela aceleração da vida e do trabalho, ou seja, sob “a lógica do excesso que a tudo banaliza, vive-se a liquidação da cultura e do sujeito” (COUTO, 2008). No entanto, é nessa liquidez, nessa opressão e massacre do cotidiano que podem emergir novos sujeitos, novos olhares, novas vivências. Mundos redescobertos, recriados e experimentados sob o olhar de um poeta em sua criação mais terrível, *inumana...* e libertadora. João do Rio (2008) reflete poeticamente sobre o espaço da rua e da cidade, seus personagens e mistérios:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a

mais niveladora das obras [...]. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é, no encanto da vida renovada, no chilrear do passaredo, no embalo nostálgico dos pregões — tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

O espaço urbano seria, portanto, o local da tensão, em que se estabelecem uma infinidade de redes, percursos e encontros que possibilitariam a construção de experiências pessoais da cidade e dos corpos que transitam nela (é possível separá-los?). Histórias são contadas e recontadas em tecidos narrativos que se entrecruzam espacial e temporalmente, dando-lhe um caráter singular, plural, perpassada por ritmos e sons diferenciados. Seus espaços e tempos são contíguos, confundem-se, (re)feitos e desfeitos, não podendo se resumir a uma história de fundação; há nela um infinito de corpos e experiências narrados de forma não-linear. Cidade-corpo, cidade-livro, cidade-teatro: um organismo pulsante de órgãos, veias, artérias em conjunção/disjunção e em que as possibilidades de vivências são muitas; escritas em uma gramática singular, encenadas em palcos às vezes opressivos, angustiantes, mas também libertadoras e orientadas por devires múltiplos.

As identidades consideradas marginais, por estarem fora das normas, rompendo as coreografias repetitivas da performatividade, são denominadas como desviantes por dispositivos de poder – conceituados por Foucault – que assim as rotulam (HALPERIN, 2007). Os territórios que esses grupos e seres ocupam também são marcados, pichados e reelaborados por essas vivências, heterogêneas e marcadas pela diversidade de estilos de vida e representação. Esse corpo urbano é marcado por rupturas, ressignificações de espaços, sociabilidades e linguagens particulares; Néstor Perlongher (2005, p.269) trata da fragmentação e parcialidade desses seres ao afirmar que

O sujeito urbano era fragmentado – digamos, sinteticamente – no caleidoscópio heterogêneo do desdobrado leque da urbe, pela sua adesão (ou aderência) às diversas ocupações e papéis que marcavam seu trânsito tresloucado pela metrópole vertiginosa.

Mesmo fragmentados e dispersos, esses sujeitos participam de redes de sociabilidade: denota-se nesse processo, um movimento de desterritorialização em relação às normas e códigos performativos, ao conectarem-se a essas redes marginais, o que pressupõe uma nova territorialização ao se aderir e adequar a novos códigos que, sob outros ângulos, podem ser tão perversos e redutores quanto seus anteriores. Os *guetos gays* seriam faces da mesma moeda de um universo normatizador, ou seja, um espelho às avessas? Essas fugas, partidas e desterritorialização possuem em sua gênese

uma culminação de desejos múltiplos, diversificados e criativos sob diversos aspectos, por mais territoriais e limitantes que alguns caminhos possam parecer, pois, como reflete Perlongher (2005, p. 282 e 283), ocorre que

nas trajetórias marginais, nas existências nômades ou apenas vagabundas, nas maquinações tenebrosas do desejo, na sombra das esquinas, não se estaria fazendo uma inversão dos papéis estabelecidos, normais, convencionais, mas a afirmação – por mais ligada que possa estar em múltiplos planos com a lógica molar, macroscópica, institucional – de uma diferença intensa, de um funcionamento desejante diferente.

Nesses territórios marginais, “criminosos”, o espaço por excelência da vagabundagem, os códigos que essa perversão instaura e multiplica são precários, instáveis e correspondem a uma infinidade de encontros entre esses sujeitos que adentram em labirintos que parecem infinitos em redefinições, criações e fluxos. São nesses locais (seriam zonas intensamente mais erógenas da cidade?) que percebe-se um caráter provisório, de trânsito intenso e deriva cuja diferença entre modelos hegemônicos e higienizados de bairros familiares (e nucleares) se dá em uma circulação instável, seja espacial ou socialmente.

O *flâneur* passeia, desliza sua pele por esse corpo social, atravessa fendas, frequenta pontos de fuga e fraturas, defronta-se com a violência e sente prazer em caminhar sobre a corda bamba de um abismo. Esses territórios não deixam de ser itinerantes, ao propiciarem “indícios de modos diferentes, minoritários, dissidentes, de produção de subjetividade” (PERLONGHER, 2005, p.287).

### **Devir-flâneur: produção, desejo e desterritorialização**

Há certos segredos que não se deixam contar. Homens morrem toda noite em suas camas, torcendo as mãos de fantasmagóricos confessores e fitando-os lamentosamente nos olhos — morrem com desespero no coração e convulsões na garganta, por causa do horror de mistérios que *não aceitam* ser revelados. Infelizmente, a consciência humana às vezes carrega tão pesado fardo de pavor que só no túmulo consegue desembaraçar-se dele. E assim a essência de todo crime permanece irrelatada.

Edgar Allan Poe, “O Homem da Multidão”

O *flâneur* – e sua saída de casa e de si – é a metáfora de uma existência singular, singularidades que sucedem em fluxos decodificados de desejo, desejo que está no campo das diferenças múltiplas e da produção (PEIXOTO JUNIOR, 2008). Uma vontade imensa de desbravar não somente a cidade e suas artérias, mas imergir em si mesmo, um corpo em movimento, em que micromundos são descobertos e criados o



tempo todo. Como um grande Deus (ou Poeta, tanto faz), ele inventa crenças, mitos e universos para depois desfazer-se da obra, rasgar os rascunhos e reiniciar todo o processo. Há nele uma potência de vida inerente a um plano de criação, transformando inventivamente a si mesmo e o universo ao seu redor... é na angústia da incompletude, dos múltiplos cortes produtores de fluxos que se encontra o *flâneur*. Dentro de cada um, há a possibilidade de ser/estar/tornar-se esse mito e vestir essa sua máscara, apesar de toda a pressão da vida contemporânea.

Opondo-se a uma pobreza das imagens idênticas e inalteráveis dos papéis figurativos, o *flâneur* pode funcionar semelhante às máquinas referidas por Deleuze e Guattari (2004, p.13), em que a “regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto, é a característica das máquinas desejanças ou da produção primária: produção de produção”. Máquinas que fazem conexões com outras, através de fluxos contínuos e objetos fragmentários e fragmentados; o espetáculo urbano e suas infinitas possibilidades dão vazão a esses jogos de acoplamentos, encontros e criação.

Da oposição entre representações molares (estáticas, rígidas, limitadas) às moleculares, nas quais situa-se o paradoxo de sínteses impossíveis, descritas como conjunções nômades e disjunções inclusivas, o *flâneur* está nesse campo da possibilidade de produção de mil sexos, em que sujeitos e objetos de desejo são diversificados, para além de limites e reduções; são potências de vida resultantes de intensas comunicações entre fluxos intensos de desejo. Pela destruição de polos, fantasmas e binarismos redutores ao ignorar a ideia de castração e de falta, pois aos objetos parciais nada falta e eles formam, enquanto tais, multiplicidades livres: múltiplos cortes, produtores de fluxos (PEIXOTO JUNIOR, 2008).

Desde sempre, o nosso corpo é tomado de nós e tolhido para ser enquadrado nos esquemas de organismos referendados como os disponíveis, as máquinas estanques, duais (masculino e feminino, criança e adulto). A mulher e a criança podem produzir *n* sexos moleculares ao deslizar suas vivências entre sexos, idades, atos e ao fugir do dualismo que eles atravessam de fora a fora, de um lado a outro. Esse entrelugar não cessa de devir: o *estar entre* não significa, portanto, indecisão, falha ou incompletude, mas poder ultrapassar o estatuto/posição fixa do que é ser mulher ou criança.

Cerceados e oprimidos, os seres são impedidos de experimentar e flunar por existências e devires singulares, ao contrário, são obrigados a seguirem trajetórias específicas e pré-determinadas. As subjetividades são atravessadas pela vida e suas

intensidades presentes em todos os momentos, lugares e acontecimentos particulares e significativos de cada experiência.

A experiência da *flânerie* não consiste apenas em mudar de território (e reterritorializar-se), mas sim viver em constante mudança, fuga, descoberta, aventura. Desterritorializar-se de si mesmo, essa é a dinâmica do *flâneur*: espacial, temporal e subjetivamente, permitir que os devires propaguem novas formas de sentir, viver, ser. Como nos *Corpos sem Órgãos* enunciados por Deleuze e Guattari (1996) em seus *Mil Platôs*, ele não se opõe aos órgãos, mas sim aos organismos, a uma organização, um sistema, ou seja, “um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil.” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.19 e 20). Essa é a revolução do *flâneur*, a possibilidade de produzir micropolíticas de existência, de desejos, práticas, vivências desviantes das normas e de si mesmo; é também imanente a esse percurso nômade, sanções, julgamentos e condenações em que são possíveis as seguintes sentenças:

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo — senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado — senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado — senão você será apenas um vagabundo. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 20)

Na aurora de um novo dia ainda sobrará algum átomo de consciência? Deleuze & Guattari (1996, p.21) sugerem que pequenas porções de objetividade e organismo sejam guardadas, numa estratégia de enfrentamento das oposições e situações diversas que a realidade dominante possa apresentar. Conhecer para subverter, construir para desconstruir e ressignificar alma, cabeça e corpos. Sejam bem-vindos ao meu microuniverso particular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, Jorge. *Os Pastores da Noite*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1964.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos Poemas em Prosa*. Ed. Bilíngüe, São Paulo, Hedra, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. da UFRGS, 2007.
- BUTLER, Judith. “Críticamente subversiva”. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icària editorial, 2002, p.p. 55-80.
- COUTO, Edvaldo. “Walter Benjamin: ruas, objetos e passantes”. In: Couto, Edvaldo & MILANI DAMIÃO, Carla (Orgs.). *Walter Benjamin: Formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.3*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS).
- HALPERIN, David. “La política *queer* de Michel Foucault”. In: HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay*. Trad. Mariano Serrichio. Argentina: Ed. Literales, 2007. p.p. 33-159.
- MENEZES, Marcos Antonio de. *O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur*. In: Revista fato&versões / n.1 v.1 / p. 64-81 / 2009.
- MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. “A multiplicidade sexual das máquinas desejanter”. In: *Singularidade e subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura*. Rio de Janeiro, 7Letras / Editora PUC-Rio, 2008.

- PERLONGHER, Néstor. “Territórios marginais”. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- POE, Edgar Allan. *O Homem da Multidão*, 1840. Trad. Dorothée de Bruchard. Disponível em: [http://www.bestiario.com.br/12\\_arquivos/O%20Homem%20da%20Multidao.html](http://www.bestiario.com.br/12_arquivos/O%20Homem%20da%20Multidao.html)  
Acesso em: 10/06/2012.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SISCAR, Marcos. “A cabeça de Charles Baudelaire”. In: *Valores do abjeto*. DIAS, Maria Ângela; GLENADEL, Paula (orgs.). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.